

DANIEL GALERA

Meia-noite e vinte



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2016 by Daniel Galera

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

A maior parte das informações contidas na enciclopédia de criptozoologia mencionada no primeiro capítulo foram extraídas da *Encyclopedia of Cryptozoology: A Global Guide to Hidden Animals and Their Pursuers*, de Michael Newton (Jefferson; Carolina do Norte; Londres: McFarland & Company, Inc., 2005).

Capa

Alceu Chiesorin Nunes

Preparação

Márcia Copola

Revisão

Clara Diament

Isabel Jorge Cury

Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Galera, Daniel

Meia-noite e vinte / Daniel Galera. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2016.

ISBN 978-85-359-2797-9

1. Ficção brasileira I. Título.

16-06311

CDD-869.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção: Literatura brasileira 869.3

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

Aquele ardor repentino por facilitar a destruição do mundo tinha a ver com o cheiro de merda humana nas calçadas, com os vapores do chorume acumulado em torno dos contêineres de lixo da prefeitura, com a greve dos ônibus e com o desespero geral pela onda de calor que esmagava Porto Alegre naquele final de janeiro, mas, se houve um antes e um depois, um marco entre a vida que parecia que eu iria ter e a vida que tive, esse marco foi a notícia de que o Andrei havia sido assassinado num assalto à mão armada, na noite anterior, perto do Hospital de Clínicas, a poucas quadras da região da Ramiro Barcelos por onde eu caminhava. Estaquei de maneira tão brusca ao assimilar a informação exibida na timeline do Twitter que meu pé direito molhado de suor deslizou dentro da sandália e o tornozelo dobrou, me fazendo desabar na calçada quente com o braço esquerdo ridiculamente erguido no ar para proteger o telefone.

Próximo ao local da minha queda, uma moradora de rua

remexia o interior de um contêiner de lixo, debruçada na borda como um avestruz com a cabeça metida num buraco, as pernas negras e os pés descalços despontando do vestido rosa com saia pregueada. Ao ouvir meu gemido, ela escorregou para fora da abertura, baixou a tampa do contêiner e veio em minha direção. Eu já me encontrava apoiada sobre um dos joelhos, ajustando a fivela da sandália, quando ela perguntou se eu estava bem e me ofereceu ajuda, e somente então percebi que era um homem travestido, com finos caracóis de pelos nas coxas e nos braços bem definidos. Respondi que estava bem, obrigada, só precisava sentar um pouco. Ela me observou com interesse enquanto eu me acomodava no degrau da porta de entrada do prédio mais próximo, dando a impressão de que gostaria de encostar em mim para ajudar mas mantendo uma distância prudente. Uma camada espessa de oleosidade cobria seu belo rosto, lembrando um glacê, e seu sorriso de dentes brancos e alinhados era muito mais improvável que o traje feminino que lhe caía com total naturalidade. Assegurei-lhe que estava bem e ela não insistiu mais, foi embora na direção da Osvaldo Aranha, cruzando um pouco as pernas ao andar, como uma jovem de biquíni indo entrar na piscina na casa de amigos do namorado.

Testei os movimentos do tornozelo para checar se não havia arrebentado um tendão. Tinha um pouco de receio de olhar de novo para a tela do celular, pois, ao fazer isso, haveria de confirmar que, não muitas horas antes, o Andrei tinha levado um tiro de um bandido em algum lugar ali perto e estava morto, aos trinta e seis anos, calculei, lembrando que ele era três anos mais velho que eu. O degrau em que havia me sentado estava coberto de fósforos queimados. A ideia de que os

fósforos pudessem ter sido acesos pelo assassino do Andrei, um craqueiro disposto a matar para garantir outra pedra, me deu um calafrio horrível, seguido por um enjoo. O suor brotava atrás das minhas orelhas e escorria pelo pescoço. Me perguntei o que teria acontecido com a cidade em minha ausência, uma pergunta absurda, pois até minutos antes nada parecia ter acontecido com a cidade, era a mesma cidade de sempre. Foi provavelmente ali, durante aquela sucessão de instantes de perplexidade, que se encravou em mim a noção de que os dias que vivíamos eram o vestíbulo de uma catástrofe lenta e irreversível, ou de que a força, lei natural ou entidade que soprava vida em nossas expectativas, e com “nossas” eu queria dizer as minhas expectativas, as de meus amigos, as da minha geração, começava a se exaurir.

Era minha primeira visita a Porto Alegre em quase dois anos. Tinha chegado havia uma semana, carregando comigo recordações de uma cidade arejada e colorida, capturada no âmbar de certos dias de primavera matizados pelo céu azul e pelos ipês-roxos floridos no Parque da Redenção, recordações sem dúvida reais mas que apontavam para um passado indistinto e irreconciliável com o presente. Ao longo daquela semana, a cidade coberta por um tapete de imundície, fritando sob a radiação do pior verão em décadas, tinha me feito pensar num doente hepático abandonado ao sol para morrer. Os veículos e as pessoas evitavam as ruas naquele trinta e um de janeiro, em plenas férias escolares e antecipação carnavalesca, e a greve dos rodoviários municipais, que já mantinha pelo quinto dia seguido a paralisação total do serviço, era o ingrediente final da redoma de letargia que engolfava tudo. Trabalhadores de periferia choravam para as câmeras do telejornal

porque não conseguiam se deslocar e seus dias de serviço estavam sendo descontados pelos patrões. Lotações, veículos de transporte escolar autorizados de emergência pela prefeitura e ônibus piratas caindo aos pedaços voavam pelos corredores de ônibus vazios, abarrotados de gente com hipertermia. Os taxistas buzonavam e anarquizavam à vontade, desvairados com a overdose de passageiros, e alguns cobravam bandeira dois à luz do dia, simplesmente porque podiam.

O taxista que, dias antes, havia me levado do aeroporto direto para o hospital em que meu pai estava internado disse que a greve já era considerada ilegal pela Justiça do Trabalho, mas que os grevistas estavam se lixando e a paralisação não tinha hora para acabar. Ônibus que ousavam sair das garagens eram apedrejados por sindicalistas. Os rodoviários brigavam entre si e contra os patrões, estes acusados de incentivar o impasse para pressionar o governo por aumento de tarifa, coisa que o governo não faria, não na esteira das manifestações populares de junho de dois mil e treze, que, catalisadas pela repressão policial violenta, tinham conseguido anular os aumentos da passagem em todo o país. E enquanto isso as plantas chamuscavam sob o sol, a sensação térmica nas madrugadas evocava uma floresta pluvial, e à tarde os termômetros do Centro chegavam a passar dos quarenta e cinco graus. A água saía quente das torneiras. Não morna. Quente. Quase queimando. Faltava água e luz em vários pontos da cidade, às vezes por horas ou mesmo dias. A população das áreas periféricas sofria mais, claro, e já começava a bloquear as ruas e estradas em protesto contra o descaso. Os mendigos compartilhavam as sombras para descansar pela manhã em camas de papelão, dormindo um sono incrédulo e suplicante, com os olhos meio

abertos. Minha vontade era poder me acomodar no degrau da porta do prédio e dormir aquele mesmo sono.

Olhei de novo, depois de um hiato torporizado, para a tela do celular, que ainda exibia uma matéria sobre o assassinato de Andrei Dukelsky no site da *Zero Hora*. Dei scroll na notícia, molhando toda a tela de vidro do iPhone com o suor do dedo. De acordo com a namorada do Andrei, uma tal de Francine Pedroso, ele tinha saído para correr em torno das nove e meia da noite e levava consigo somente a chave de casa e o smartphone, que foi roubado pelos criminosos. Não havia testemunhas, embora o local onde o crime aconteceu fosse uma área de movimento moderado, mesmo à noite. “Um dos maiores novos talentos da literatura brasileira contemporânea”, era o aposto que o texto lhe concedia. “Duque, como era chamado pelos amigos”. Havia uma hashtag #AdeusDuque oferecendo consulta instantânea às manifestações de choque e tristeza de seus leitores e amigos nas redes sociais. Não tive coragem de clicar nela.

Já não éramos tão próximos, eu e o Andrei. Poucos anos antes eu o tinha encontrado uma única vez, em São Paulo, na sua última noite de autógrafos, ou pelo menos a última de que tive notícia. Ele tinha deixado de atualizar o Twitter e, como averigui em seguida, se suicidado no Facebook também. Nosso convívio mais intenso se dera havia quinze anos, na época de faculdade, quando escrevíamos juntos no nosso fanzine eletrônico por e-mail, o Orangotango, e tínhamos algumas daquelas conversas que no futuro recordaríamos como sendo de alta profundidade. Ele me fez ler Camus, Noll, *Moby Dick*. Tentei imaginar onde estariam naquele momento os outros colaboradores do e-zine, sobretudo Emiliano, de quem eu

mais sentia falta vivendo em São Paulo. Lembrei de quando vi Andrei pela primeira vez no pátio da faculdade de jornalismo, fumando como se tivesse aprendido a tragar no berço, corpulento e compenetrado como um lutador de judô, com entradas no couro cabeludo anunciando uma calvície precoce. Ele costumava usar camisas azuis e rosa de qualidade e ia aos bares de paletó, o que eram extravagâncias para um jovem universitário no fim dos anos noventa. Suas unhas estavam sempre compridas e sujas e ele fedia um pouco. Duque nunca deixou de ser um mistério para nós. Entre seus amigos, mas sobretudo entre nós, do Orangatango, havia uma espécie de concorrência velada para ver quem se tornaria a primeira pessoa a compreendê-lo, a conquistar sua confiança, tornar-se seu confidente. Mas o Duque não se abria com ninguém. E ler seus contos e romances não ajudava a solucionar o enigma. Do que eu tinha lido, ficara a impressão de que havia coisas que ele escondia até mesmo da literatura. Como se aguardasse o futuro distante em que estaria preparado para escrever sobre elas.

A cerimônia do enterro no cemitério israelita da Oscar Pereira, informava a notícia no celular, seria fechada para a família. Sem velório, de acordo com a tradição judaica. Sentada ali no degrau da entrada de um edifício residencial qualquer, ansiando pelo sono anestesiado dos mendigos, pensei que o corpo de Andrei tinha jazido numa calçada a uns quinhentos metros de onde eu estava, que seu sangue ressecado sobre as lajotas de pedra devia ter deixado marcas que agora se confundiam com os traços de chorume e mijo de cachorro, e então me peguei pensando, contra a minha vontade, que na verdade ele havia sido poupado, que talvez fosse sortudo no fim das

contas, pois tinha escapado de algo terrível que se avizinhava, algo a que teríamos de nos acostumar.

Lembrei que trazia na bolsa os adesivos de nicotina do meu pai. Procurei me concentrar, apaguei a tela do telefone, me ergui e segui caminho em direção à avenida Ipiranga. Uma coluna de fumaça negra brotava dos taludes à margem do arroio Dilúvio e, ao atravessar a ponte, avistei dois rapazes vestidos em trapos acorados diante de uma fogueira crepitante, provavelmente derretendo cabos de cobre para vender ao ferro-velho. O leito do Dilúvio estava reduzido a um riacho serpenteando entre bancos de areia expostos ao sol, mas nas poucas poças mais profundas era possível ver cardumes ociosos no esgoto cinzento e filamentosos. Do outro lado da avenida, na continuação do bairro Santana, num pequeno quarteirão da Gomes Jardim ocupado por casinhas avarandadas e um pouco escondidas por trás de jardins malcuidados, perto de uma vidraçaria e de um antigo açougue que me botava medo quando eu era menininha, ficava a casa dos meus pais, para quem o mundo, por questões de saúde e longevidade, estava mais perto de acabar do que para mim.

E o mundo tinha quase acabado mesmo para o meu pai. Aos sessenta e seis anos, ele havia infartado e se recuperava em casa de uma ponte de safena. Quando o toque do celular me despertou antes do amanhecer em meu apartamento em São Paulo, oito dias antes, a operação, que duraria quatro horas, já estava em curso. Do outro lado da linha, minha mãe soava mais colérica do que assustada. Os detalhes do episódio só foram fornecidos por meu pai quando sua memória refrescou após a UTI. Depois de jantar um prensado de salame e queijo, entregue na porta de casa pelo motoqueiro de sua lanchonete

favorita, e de ver um pouco de tv enquanto bebia dois copos de Campari com tônica e fumava com a sofreguidão usual, ele se deitou para dormir. Acordou no começo da madrugada com azia e uma leve dor no peito, andou um pouco pela sala e, constatando que a dor não passava, resolveu dar um pulo no pronto-socorro. Não viu razão para perturbar o sono frágil de minha mãe, portanto pegou o carro e foi dirigindo sozinho para o Hospital Mãe de Deus, infartando sem saber, fumando Marlboro Lights com o cotovelo apoiado na janela e a outra mão no volante do Honda Fit automático, provavelmente escutando algo como Simply Red na Rádio Continental, seguro de que sofria de gases ou qualquer outra coisa relativamente inofensiva. Assim que mencionou a dor no peito à médica que fazia a triagem, mediram sua pressão e o encaminharam às pressas para o cardiologista. Pouco depois estava na mesa de operação.

Cheguei ao hospital de mala e mochila e o encontrei já no fim do primeiro dia de pós-operatório, abraçado a um travesseiro enquanto tossia secreções pulmonares diante do olhar arregalado da minha mãe. Estava desnorteado e perguntava o tempo todo se era dia ou noite. Quando o lençol era removido para algum exame ou procedimento, seu corpo nu me parecia impossivelmente branco, e eu pensava que aquela não podia ser a cor do meu pai, ele era mais escuro. Tinham lhe drenado fluidos em excesso, faltava sangue, algo não estava bem. Eu tentava não olhar muito, imaginando que ele sentia vergonha de estar exposto a mim naquela situação, e de minha parte eu sentia uma leve repulsa em vê-lo tão debilitado. Deitado no leito à mercê de sondas e agulhas, com o esterno costurado por fios de aço que continuariam ali em seu esque-

leto mesmo depois que todos os seus outros tecidos tivessem virado pó, ele era um emblema não somente da sua própria morte, mas também da minha. A morbidez retrocedeu para o segundo plano a partir do momento em que ele foi transferido para o quarto. Ficou de bom humor e brincou que seu corpo imprestável estava à minha disposição para experimentos, pois já era hora de deixá-lo para a ciência. Disse a ele que não precisava de mais nada além das minhas sementes de *Arabidopsis* e dos meus pés de cana-de-açúcar para as minhas pesquisas, mas que tinha um amigo na USP que estudava o efeito do cigarro e dos embutidos no organismo dos velhos teimosos e talvez tivesse interesse em sua carcaça. Meu pai recebeu a visita de alguns colegas dos cursinhos e colégios onde lecionava literatura e português, e também de um trio de alunos que o estimava. Eu o amparei nas caminhadas pelo corredor, durante as quais se queixava das manias recentes da minha mãe, do intervencionismo econômico do governo federal, da pedagogia permissiva do nosso tempo, de seus alunos mimados que acreditavam ter direito a tudo, a toda hora me olhando de canto para avaliar minha reação às coisas que dizia. Depois de cinco dias de internação, ele pôde retornar para casa. Desde então seu ânimo havia entrado em parafuso. Às vezes começava a chorar sem mais nem menos e nos olhava com perplexidade, dizendo que não sabia por que estava chorando, enquanto as lágrimas continuavam caindo. Fazia questão de tomar banho em pé, limpava as próprias feridas e se dedicava aos exercícios da fisioterapia respiratória. Ele ainda viveria muito, pensei, quem sabe até não saísse daquela mais forte, forte o bastante para ver o mundo definhando até o fim.

Na manhã em que fiquei sabendo da morte de Andrei,

eu tinha saído para comprar os adesivos de nicotina a pedido do meu pai. Ele queria uma marca específica que não era muito fácil de achar e, como os ônibus estavam fora das ruas, tive que caminhar até uma farmácia do Bom Fim. Cheguei de volta em casa parecendo uma paciente de ebola. Constatei que meu pai dormia, deixei o saquinho com os adesivos sobre a mesa de jantar e fui à cozinha. Enchi um copo com cubos de gelo e chá preto gelado, acrescentei um pouco de limão e açúcar mascavo, voltei para a sala e desabei no sofá, bem embaixo do fluxo do ar-condicionado. O velho sofá surrado tinha um cheiro característico que se sobrepunha às rosas e lírios que minha mãe costumava manter num vaso na mesa de centro. Eu chamava aquele cheiro de cheiro de ácaro. Desde pequena, quando soube da existência dos ácaros por um artigo de revista a respeito de doenças respiratórias, eu associava o cheiro do sofá a hostes desses seres minúsculos, que imaginava estarem infiltrados aos milhões no tecido áspero das almofadas. O artigo de revista era ilustrado por uma ampliação de microscópio eletrônico em que os ácaros pareciam azeitonas verdes com perninhas se equilibrando sobre novelos de espaguete cinzento. Eu devia ter nove ou dez anos quando vi a imagem, e na época a ameaça dos ácaros tinha alcançado o nível de fobia doméstica nos lares brasileiros. Meus pais, a exemplo de quase todo mundo, haviam instalado nos cômodos da casa aparelhos de filtragem de ar que se assemelhavam a robzinhos de lata. Eu escutava o zumbido mecânico dos filtros e imaginava ácaros sendo mastigados em holocausto por minúsculas engrenagens. Onde tinham ido parar todos aqueles filtros? Ninguém mais dava a mínima para ácaros. “Quatro pares de patas e um par de palpos”, pronunciei em voz baixa,

lembrando de um fragmento de algum dos livros de biologia que eu lia e relia na infância. Eram características dos aracnídeos, a classe dos ácaros, aranhas e escorpiões. Eu gostava de pronunciar aquilo, as aliterações e a sonoridade meio cômica da expressão me faziam pensar nos versos de uma canção infantil. Às vezes eu me pegava cantarolando mentalmente “quatro pares de patas e um par de palpos” enquanto secava a louça, fazia xixi ou encarava a tela do computador tentando trabalhar no rascunho incompleto de um artigo.

Fiquei algum tempo repetindo aquelas palavras como a um mantra, bebericando meu chá gelado, sentindo o suor secar na pele fria. Andrei assassinado. A ansiedade que havia acabado de experimentar na rua não se dissipava, pelo contrário, eu sentia que ela se entranhava em mim de maneira irreversível, como o solo absorvendo uma água venenosa. Olhei o copo em minha mão, imaginei-o transformado em centenas de cacos em desarranjo, e pensei que havia algo de pervertido e indesejável no copo intacto, era quase como se ele tivesse consciência de ser um copo, algo a que ele definitivamente não tinha direito. Apertei o copo com força, querendo e não querendo quebrá-lo, num impulso semelhante à vontade cruel que às vezes sentíamos de esmagar um cachorrinho.

Estar hospedada com meus pais aos trinta e três anos, mesmo nas circunstâncias de um episódio médico quase fatal para o meu pai, trazia uma previsível sensação de retrocesso emocional. Eu amava as coisas daquela casa, sim, mas isso não impedia que elas me dessem um certo mal-estar. Passei os olhos pelas fotografias emolduradas da Tatuíra, nossa falecida vira-lata de pelo tigrado, pelas violetas em delicados vasos na janela basculante da cozinha, pela coleção de livros de culinária-

ria com a lombada meio desbotada, e mentalizei o chuveiro a gás que ficava cuspidando ar durante nossos banhos, a enorme biblioteca de literatura do meu pai no escritório, os livros de referência que minha mãe deixava empilhados no chão da edícula nos fundos da casa, onde trabalhava em suas ilustrações, o quarto de hóspedes que ainda guardava resquícios idiotas da época em que era o quarto da filha única, coisas como um pôster de Johnny Depp e Winona Ryder em *Edward Mãos de Tesoura*.

A familiaridade daquela casa intensificava meu temor de ter desguarnecido uma fronteira estratégica longe dali, de ter aberto um flanco para que tirassem minha vida de mim. Meu apartamento em São Paulo estava com o aluguel atrasado, mais da metade das lâmpadas precisavam ser trocadas, e minha pesquisa sobre ritmos circadianos na cana-de-açúcar seguia presa nos destroços de uma picuinha que tinha resultado na minha reprovação na qualificação de doutorado. O novo exame estava agendado para começo de abril, e eu tinha tomado o cuidado de marcá-lo numa data que forçaria o professor César, minha nêmesis, a mandar seu suplente para a banca. Isso praticamente garantia minha aprovação no segundo exame, mas eu estremecia de raiva e ansiedade só de lembrar da humilhação que aquele nematelminto tinha me feito passar. Estava convencida de que havia sofrido assédio moral, mas esse era um caminho contraprodutivo. César poderia me esmagar, se quisesse.

Meus dedos agarraram o copo com tanta força que ficaram amarelos. Me perguntei o que aconteceria se eu simplesmente deixasse tudo para trás. Não voltasse. Desaparecesse dentro do mato, fugisse para o Uruguai e ficasse lá escutando

ecos distantes da derrocada da civilização. Seria perseguida até a morte pelo fracasso e pela perda. Versão um. Experimentaria uma liberdade de um tipo que eu nem suspeitava existir. Versão dois. A questão era se, fora dos domínios estreitos da nossa vaidade, as ambições de uma vida se tornavam mesmo gratuitas, fúteis e fáceis de esquecer, como às vezes, em segredo, eu suspeitava.

Relaxe a pressão dos dedos, engoli a última pedra de gelo e botei o copo na mesa de centro. Precisava fazer algo para escapar do vórtex de ansiedade. Então lembrei da minha maneira favorita de passar o tempo naquela casa. Do hábito, nascido na infância, de mexer nos livros de referência visual da minha mãe, entre os quais estavam os volumes ilustrados de zoologia, botânica e anatomia que tanto me haviam fascinado quando pequena. Saí pela porta dos fundos da cozinha. O calor da rua, mesmo nos poucos segundos necessários para atravessar o quintal até a edícula, me massacrou de tal forma que me perguntei se aquelas não seriam condições hostis à vida. A fragilidade do homem era tocante. Milhões de anos de evolução desembocando em seres incrivelmente não adaptados ao ambiente do planeta, como demonstrava nosso sofrimento diante de mínimas alterações de temperatura ou falta de substâncias, uma vulnerabilidade humilhante a todo tipo de condição atmosférica, exposição a materiais e outros organismos, para não falar na ainda mais humilhante vulnerabilidade da nossa mente a qualquer baboseira, à ansiedade, à esperança. Éramos inadequados àquela natureza. Não esperantava que desejassemos destruí-la.

Felizmente, minha mãe estava trabalhando em seu estúdio com o ar-condicionado ligado a toda, ouvindo como sem-

pre a Rádio Itapema, que no momento tocava uma balada do Nei Lisboa que me remetia, sei lá por quê, às tardes em que ia beber com colegas em botecos da rua Doutor Flores, no Centro Histórico, após as aulas do cursinho. Sua escrivaninha era larga e despojada, sem gavetas, apenas um tampo de madeira sobre pés tubulares de metal. O iMac, o scanner e a mesa digitalizadora de desenho pareciam tecnologias alienígenas em contraste com o rádio FM de antena esticada. Os aparelhos dividiam espaço com vários porta-lápis cheios de canetas e com folhas de papel cobertas por rascunhos. Naquela época já fazia anos que ela desenhava no computador, mas eu lembrava bem da era pré-digital, quando sua mesa vivia repleta de grandes folhas de papel de gramatura elevada e textura cremosa, estojos de lápis de cor, réguas, estiletes, aquarelas e pincéis. Ainda pirralha, eu ganhava dela folhas de papel vegetal para copiar ilustrações de livros usando canetas de nanquim com ponta de 0,5 mm. Morria de medo de quebrar a ponta daquelas canetas. A especialidade de minha mãe eram as ilustrações técnicas e o que ela chamava de ilustração realista. Os movimentos delicados de seu pulso criavam corações e gargantas para livros didáticos de medicina, tigelas de leite com cereal rodeadas de morangos maduros para caixas de granola, aves da Amazônia para cartões colecionáveis incluídos de brinde em embalagens de chocolate ao leite, tratores e colheitadeiras para catálogos de equipamentos agrícolas. Tudo que ela precisava eram fotos de referência. Uma vez, antes dela me dar carona para a escola, vendo uma de suas ilustrações numa embalagem de pão durante o café da manhã, perguntei por que simplesmente não usavam fotografias em vez de desenhos tão realistas que às vezes pareciam meras cópias.

“Eu não faço cópias das fotografias”, ela respondeu. “Não desenho as coisas. Pra isso as fotos servem. Eu desenho a ideia das coisas. Imagina uma maçã perfeita. Eu desenho isso que tu tá imaginando, e não as maçãs de verdade que estão na nossa fruteira.”

Na maioria dos casos, as ilustrações eram reproduções quase idênticas às fotos, era difícil encontrar detalhes diferentes, como num jogo dos sete erros, mas não se podia questionar que as imagens eram destoantes em algum sentido profundo. Os desenhos dela estavam mais próximos de estátuas de santos e pinturas renascentistas que de fotografias, carregados de um magnetismo idealizado que as agências de comunicação, editoras e empresas que contratavam seus serviços certamente compreendiam muito melhor do que eu. Do ponto de vista artístico, as ilustrações não tinham valor. Estavam sujeitas aos ideais de perfeição mais vulgares. Em alguns casos, porém, quando o briefing do cliente fornecia mais liberdade ou apontava para uma direção mais insólita que de costume, ela era capaz de criar imagens estranhamente poéticas, menos presas a rótulos e catálogos e mais próximas da pintura hiper-realista, em que a presença da técnica usada e as anomalias quase indetectáveis davam expressividade ao que poderia passar, de longe, por uma fotografia documental. Entre as minhas ilustrações favoritas estava um trabalho do qual ela própria tinha orgulho a ponto de enquadrá-lo e pendurá-lo na parede de seu estúdio. Era uma ilustração para um anúncio de revista de uma marca de protetores solares. A família estava na beira do mar se divertindo, pai, cachorro, menina, a mãe aplicando protetor solar na menina, que brincava com um castelo de areia. Ela usou várias fotos diferentes

para compor essa ilustração, fotografias casuais feitas com a própria câmera durante o verão em Xangri-Lá, onde tínhamos uma casa de praia que acabou sendo vendida para pagar dívidas. O mar ao fundo não tinha águas azuis nem ondas perfeitas com espuma branca. Era o mar do litoral do Rio Grande do Sul, marrom como achocolatado e com a superfície crispada e caótica de uma enchente. No ventre da mãe havia uma cicatriz de cesariana. Não estava disfarçada nem nada. A mulher da foto de referência tinha a cicatriz e minha mãe resolveu deixá-la. Para surpresa dela, a imagem foi aprovada e impressa. Tinha ficado pequena na página da revista e mal se podia notar a transgressão, mas estava lá. A ampliação pendurada na parede me transmitia uma sensação de verdade por trás das aparências, do fedor salobro inebriando o dia de sol, do vento incômodo que estava sempre soprando naquele litoral.

Entrei silenciosamente no estúdio para não atrapalhar minha mãe, mas ela virou a cabeça no mesmo instante.

“Encontrou os adesivos?”

Respondi que sim, que o pai seguia dormindo no quarto, e percebi, ao me aproximar, que ela fechou uma janela do navegador com o Facebook, deixando à mostra a tela do programa de desenho, onde trabalhava na ilustração de uma ferramenta incompreensível. Perguntei o que era. “Um tipo novo de descascador de frutas. Está na moda.” Eu não soube o que dizer e ela emendou que dali a pouco ia encerrar o trabalho e esquentar um almoço. Sem intenção de incomodá-la mais, fui até as pilhas de livros espalhadas no chão e em diferentes estantes. Uma recordação repentina me animou.

“Mãe, lembra que deixei aqui a minha *Enciclopédia de criptozoologia*?”